An abstract painting featuring a figure rendered in a complex pattern of red, white, and grey stripes. The figure is in a dynamic, crouching pose, with one arm raised and a hand open. The background is a dark, textured grey.

santidio pereira

um olhar da memória

curadoria **luisa duarte**



santidio pereira

um olhar da memória

curadoria **luisa duarte**

abertura **23 agosto 19h**

exposição **24 agosto a 22 setembro**



GUSMÃO & LABRUNIE
PROPRIEDADE INTELIGENCIAL - INTELLECTUAL PROPERTY



GALERIA  ESTAÇÃO São Paulo 2018

30 anos que merecem ser celebrados

Em 2018 celebramos 30 anos.

Construímos uma trajetória vitoriosa que nos permitiu chegar aqui em bases sólidas. Temos muito orgulho da nossa história. Formamos profissionais sérios e comprometidos com nossos valores de excelência, transparência e eficiência. Viemos nos desenvolvendo nestes anos com o propósito de servir aos nossos clientes de forma eficiente e consequente. Trabalhamos na proteção das diversas criações do espírito humano, como as invenções, as obras de todas as artes, as inovações tecnológicas e digitais. Além disso, protegemos as identidades empresariais, como as marcas e os nomes empresariais, e atuamos no combate à concorrência desleal. De conquista em conquista, construímos um escritório de pessoas com experiência profissional baseada na vivência de soluções sob medida para os clientes.

No ano de nosso 30º aniversário, fechamos uma parceria com a Galeria Estação, promotora de expoentes da arte nacional, com o intuito de subsidiar a apresentação ao público das obras de um talentoso artista brasileiro. Para nós, apoiar o trabalho de um jovem artista e a arte popular brasileira é a melhor forma de celebrar este momento de nossa história.

Santidio Pereira nasceu em Curral Comprido, um povoado do Piauí, em 23 de outubro de 1996. Mudou-se para São Paulo ainda pequeno, mantendo as lembranças de sua primeira infância. Por volta dos 8 anos de idade, começou a frequentar o Instituto Acaia, uma organização social sem fins lucrativos, que acolhe e oferece atividades socioeducativas a crianças, adolescentes e suas famílias. Pelo Ateliê Acaia, Santidio vem realizando atividades artísticas, destacando-se, sobretudo, nas oficinas de desenho e xilogravura, sob orientação do xilogravador Fabrício Lopez.

Agradecemos à Galeria Estação a oportunidade, desejamos uma promissora carreira a Santídio Pereira e esperamos que nossos clientes possam desfrutar dessa manifestação artística de excelente qualidade.

Gusmão & Labrunie



santidio pereira

vilma eid

Há dois anos, em dezembro de 2016, o jovem Santidio inaugurava sua primeira exposição na Galeria Estação, com curadoria de Rodrigo Naves.

Tinha vinte anos e seguia os passos do seu professor, o xilogravador Fabrício Lopes, coordenador do Ateliê de Artes no Instituto Acaia, instituição educacional sem fins lucrativos na cidade de São Paulo onde Santidio se formou. Esse primeiro momento nos mostrou que ali nascia um artista e que seus próximos passos deveriam ser seguidos com atenção.

A mostra foi um sucesso de venda, de público e de mídia.

Dedicado, sério e focado, Santidio interage com naturalidade no chamado mundo cultural, o que nos leva a pensar que nasceu artista. Constantemente faz novos cursos, mostra interesse em outras áreas, inclusive o cinema. Tem pela frente um mundo de oportunidades. Sua juventude, um ponto a seu favor, não o intimida. Participa de exposições coletivas, entra em editais, busca a trilha da experiência que levará ao sucesso.

Recentemente, foi selecionado por um júri de curadores de excelência reconhecida para uma exposição no Centro Cultural São Paulo, onde era a estrela. Em 2019 já tem garantida uma residência seguida de exposição, em Nova York.

Para esta mostra aconteceu um fato inédito na Galeria Estação. Fomos procurados por nossos amigos do escritório de advocacia Gusmão & Labrunie, que neste ano comemoram seu 30º aniversário de fundação. Eles nos pediram para patrocinar uma das nossas exposições de 2018.

Quando viram o trabalho do Santidio e conheceram sua história de vida, não tiveram dúvida. Era exatamente o que pretendiam. Incentivar uma carreira iniciante que já mostrasse a força da continuidade. Aos nossos amigos, obrigada. Ao Santidio desejo que siga com toda a força que seu talento e sua juventude permitem.



um olhar da memória

luisa duarte

A estória é sobre um pássaro, e se passa numa época antes que o mundo existisse. Pássaros voavam em círculos no céu. Círculos. Círculos. E não paravam de voar porque não existia terra, somente o céu, e eles não paravam de voar. Até que o pai de um dos pássaros morreu. E isso se tornou um grande problema - o que deveria fazer com o corpo? Porque, antes de o mundo existir, não havia terra, só o céu. E os pássaros pensaram no que fariam, enquanto voavam.

Em círculos. E voaram por dias até que o pássaro finalmente teve uma ideia. Ele decidiu enterrar o seu pai na parte de trás da sua cabeça. Este foi o início da memória.

Laurie Anderson

Em uma conversa com Santidio Pereira, em meio ao processo de realização da presente mostra, escutei o artista afirmar que notava uma clara diferença entre *ver* e *enxergar*. O *ver*, traduzo aqui com as minhas palavras, estaria relacionado a um olhar apressado, próprio de um ritmo contemporâneo marcado por uma atenção distraída, enquanto o *enxergar* seria aquilo que suas gravuras demandam, ou seja, uma mirada capaz de se demorar em um mesmo objeto, pacientemente. Seguindo Santidio, seria possível encontrar algo novo em cada um de seus trabalhos mesmo depois de anos e anos de convivência. Logo, os mesmos estariam vinculados antes ao regime do *enxergar* do que ao do *ver*.

É interessante notar como estamos diante de uma equação de mão dupla. Por um lado, a sensibilidade do artista para uma forma de perceber o mundo que testemunha uma clara depauperização: nosso aparelho perceptivo se encontra atrofiado diante de uma época na qual a quantidade de estímulos cresce exponencial-

mente. Por outro, o que Santidio sinaliza é que, de alguma maneira, um antídoto para esse império do ver estaria posto em sua obra. As suas xilogravuras solicitam, de cada um de nós, um gesto de parada, uma paciência do olhar em vias de extinção.

O conjunto de trabalhos reunido em *O olhar da memória* apresenta, em sua maior parte, imagens de pássaros da caatinga piauiense, região na qual o artista viveu até os 8 anos de idade. São impressões de grande escala, nas quais sobreposições de cores e formas nos dão a ver caburés, garrinchas, lambus, juritis – diferentes espécies de aves que povoam sua terra natal. Em meio a essa fauna, outras gravuras, de caráter menos figurativo, aludem, sutilmente, a plantas da paisagem local.

Nesse conjunto os pássaros são, a um só tempo, protagonistas e coadjuvantes. Surgem imponentes, dominando a cena, mas, para um segundo olhar, são receptáculos de um mundo camuflado nas suas entrelinhas. Vestígios de inúmeros outros entes da fauna e da flora revelam-se, pouco a pouco, em cada gravura. É preciso tempo para que esse universo, ali implicado, se desvele.

Santidio sabe que a escolha por obras em grande escala coopera para que devotemos uma mirada em sobrevoo, que pensa ter capturado toda a cena em uma vista rápida. A sucessão de camadas presente em cada gravura, os diferentes tons, as inúmeras figuras que somente se insinuam, nos dando a ver o trabalho sempre e a cada vez sob uma nova perspectiva – é justamente essa arquitetura interna complexa que nos solicita uma atenção prolongada e, logo, um predomínio do enxergar sobre o ver.

Mas, note-se, essa não é somente uma demanda da obra, mas sim uma qualidade da mesma. Essas xilos pertencem a um tempo mais lento, no qual a potência da memória se encontra preservada. Se o artista veio para São Paulo aos 8 anos, não é a paisagem cinza e dura da capital paulistana que comparece em seu trabalho, mas sim a natureza de cores quentes do sertão piauiense. São as imagens mnemônicas que irrigam a sua poética.

O entrelaçamento entre um olhar paciente e o cultivo fino da memória parece ser crucial para a compreensão da potência existente na produção desse artista ainda tão jovem. Santidio instaura um tipo de apreensão do mundo raro em nossa época. Sabemos que a diferença entre ver e enxergar, de que nos fala o artista, não é recente, mas sim está posta para os estudos da percepção há muito tempo. Para retrocedermos somente pouco mais de um século, na virada do XIX para o XX, a mudança na fisionomia da vida nas cidades, marcada por numerosos estímulos visuais, formava, então, um aparelho perceptivo apto a se proteger dos choques visuais. Esse estado de alerta permanente, que levamos conosco até hoje a cada vez que ganhamos a rua de uma metrópole, nos legou diversos efeitos colaterais, entre os quais um déficit da nossa capacidade de preservar lembranças. Ou seja, ao passo que nossos olhos são atrofiados, nossa memória também esvanece.

Essa é uma dinâmica que parece se adensar sem que tenhamos qualquer perspectiva de reversão. Muito pelo contrário. Em alguma medida somos analfabetos visuais, portadores de uma atenção distraída, em um mundo no qual as imagens ganharam contundência inédita. O diagnóstico do teórico tcheco Villem Flusser, de que estamos “surdos oticamente”, não fica longe da conclusão do sociólogo alemão Georg Simmel, ainda no começo do século passado, para quem o “tipo metropolitano de homem desenvolve um órgão que o protege das correntes e discrepâncias ameaçadoras de sua ambientação externa”¹. Pouco a pouco findamos por desenvolver um tipo de percepção que podemos chamar de “restritiva”.

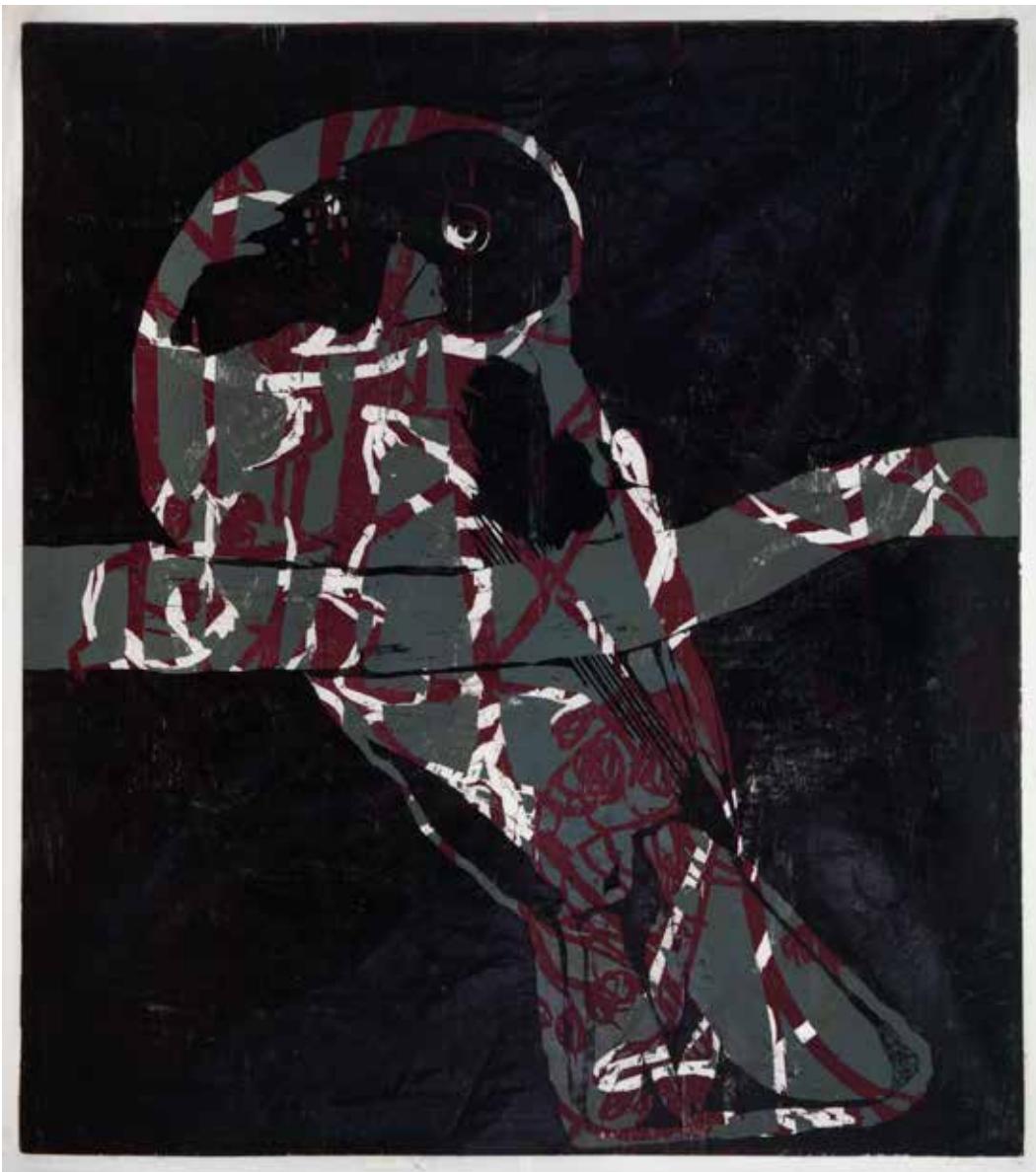
Ora, a aurora do novo milênio testemunha um quadro ainda mais avançado nesse estilhaçamento do sentido da visão. Essa época que atua contra o olhar, a despeito de se dar, sobretudo, para o olhar, é a nossa. Uma época que faz o elogio incessante da aceleração, da vigília, e é inimiga do ócio, da contemplação, do sono, do sonho, da imaginação, sendo, assim, desencantada. Um mundo sem passado, portanto sem memória.

Não me parece difícil perceber como a obra de Santidio caminha na direção oposta desse diagnóstico. Seus trabalhos solicitam um olhar dilatado e são realizados tendo como motor justamente os registros mnemônicos, tão rarefeitos no presente. A própria gravura, um método milenar de reprodução, traz consigo esse outro tempo, muito distante deste que impera, próprio das imagens digitais reverberadas ao milhões em cada aparelho de celular. E há ainda, aqui, a imaginação. O artista não faz um documento fiel daquilo que lembra, obviamente. Estamos diante de transfigurações, muito singulares, de uma paisagem vivida.

Os pássaros cinza de Santidio, por exemplo, são antes fruto de uma intenção do artista de borrar o referente do que cópia fiel de alguma espécie existente em Isaias Coelho, no Piauí. As cores nos levam, ainda, para diferentes tonalidades afetivas. Em uma das gravuras vemos um cabeça-vermelha mesclado nas cores cinza e grená, sobre um pedaço de tronco. A ave parece se contorcer, mirando para baixo. A região da cabeça é tomada pelo preto, restando somente um olho desconfiado que nos fita de soslaio. Já em outra, um pássaro laranja, ativo, pousado sobre o que parece ser uma cadeira, nos olha frontal e assertivamente. Essas gradações, que passam do mais frio ao mais quente, do crepuscular ao solar, do arredio ao ativo, são todas nuances que formam a tessitura invisível dessa poética.

Esses movimentos internos da obra de Santidio evocam aquilo que já foi sabidamente apontado por Rodrigo Naves: "No geral, sobressai nela [a obra do artista] a busca de formas em que a alegria troca frequentemente de posição com imagens mais secas, em que cores luminosas se veem turvadas pelos negros. E espero que esse dualismo consiga se firmar e se fortalecer em suas gravuras, já que é justamente essa experiência híbrida – feita de momentos de leveza e de desolação – que dá o tom da existência contemporânea".²

Passados dois anos da escrita das palavras acima, é possível responder que sim, esse dualismo segue sendo parte fundamental de seu trabalho. Mas, se nesse aspec-



to a produção do artista e a experiência contemporânea rimam, no que toca à temporalidade de suas obras, há uma dissonância, e aqui reside, também, uma potência fundamental. Na contramão de um presente marcado pela aceleração, pelo entorpecimento do olhar e pelo esvanecimento da memória, as gravuras de Santidio Pereira afirmam a chance, ao menos na esfera da arte, de um tempo mais lento, no qual um olhar paciente se instaure diante de obras irrigadas pelo fluxo da memória.

1 Georg Simmel, "A metrópole e a vida mental", em *O fenômeno urbano*, Guanabara, 1987, pp. 12-13.

2 Rodrigo Naves, "Cores em preto e branco", catálogo da mostra *Santidio Pereira*, Galeria Estação, 2016.



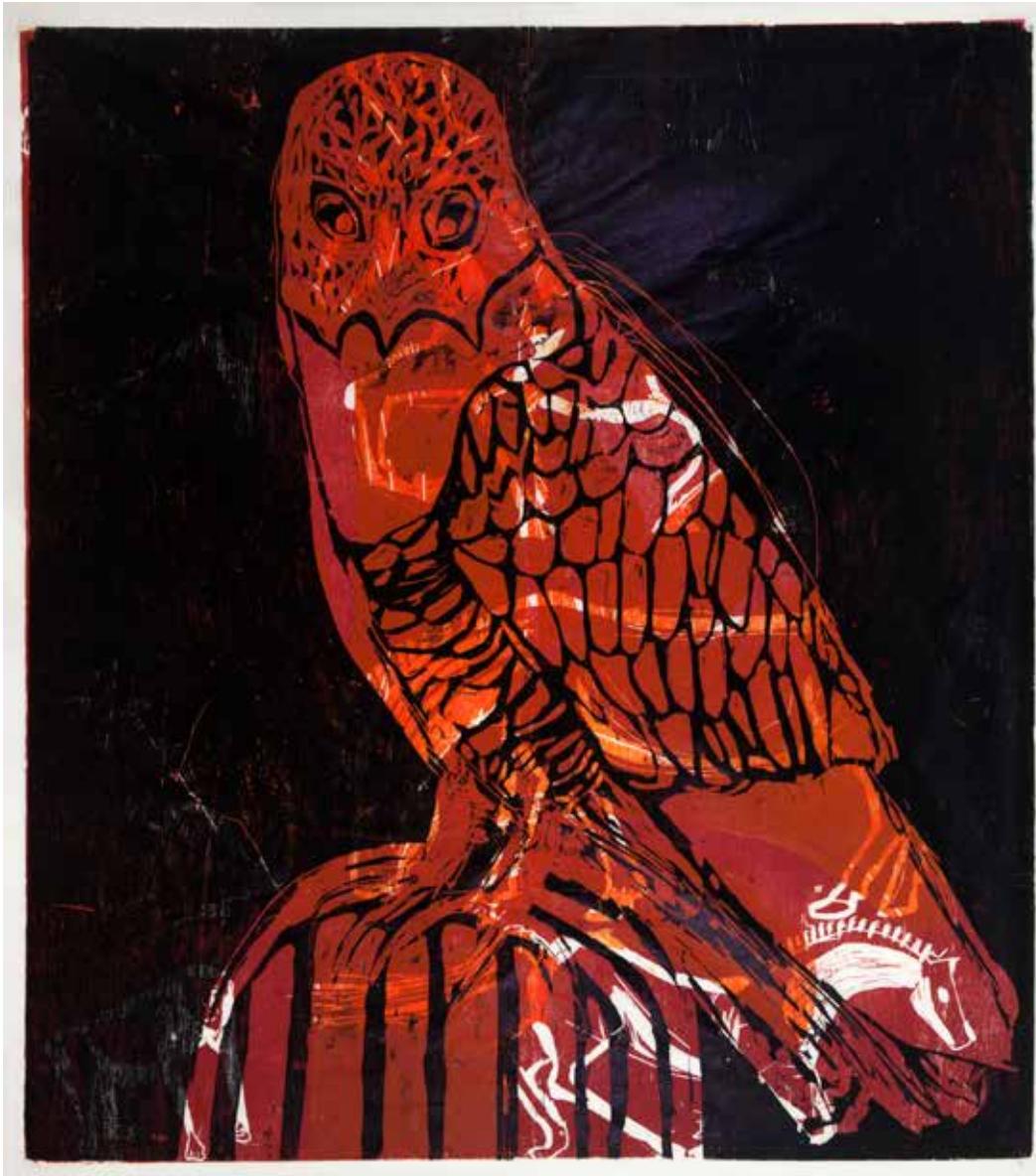














santidio pereira

Two years ago, in December 2016, the young Santidio opened his first exhibition at Galeria Estação, curated by Rodrigo Naves.

He was twenty years old and following in the footsteps of his teacher, the woodcutter Fabrício Lopes, coordinator of the Ateliê de Artes at Instituto Acaia, a non-profit educational institution in the city of São Paulo where Santidio was trained. This first moment showed us that an artist was born there and that his next steps should be followed with attention.

The show was a selling success, from the public and from the media.

Dedicated, serious and focused, Santidio interacts naturally in the so-called cultural world, which leads us to think that he was born an artist. He constantly takes new courses, shows interest in other areas, including cinema. He has a world of opportunities ahead of him. His youth, a point to his favor, does not intimidate him. He participates in collective exhibitions, enters public bids, and searches the trail of experience that will lead to success.

Recently, he was selected by a jury of curators of recognized excellence for an exhibition at Centro Cultural São Paulo, where he was the star. By 2019 he has already secured a residence followed by an exhibition in New York.

For this show an unprecedented fact has happened at Galeria Estação. Our friends from the law firm Gusmão & Labrunie, who are celebrating their 30th anniversary this year, contacted us. They asked us if they could sponsor one of our exhibitions of 2018.

When they came upon Santidio's work and found out about his history, they had no doubt it was exactly what they intended. To encourage a beginning career that already showed the force of continuity.

To our friends, thank you. To Santidio I wish you to continue with all the strength that your talent and your youth allow.

vilma eid 30 years worth celebrating

In 2018 we celebrate 30 years.

We have built a victorious trajectory that has allowed us to get here on solid foundations. We are very proud of our history. We train professionals who are serious and committed to our values of excellence, transparency and efficiency. We have been developing ourselves over the years in order to serve our customers efficiently and consistently. We work to protect the diverse creations of the human spirit, such as inventions, works of all arts, technological and digital innovations. In addition, we protect business identities, such as trademarks and business names, and act to combat unfair competition. From conquest to achievement, we built an office of people with professional experience based on the experience of tailor-made solutions for clients.

In the year of our 30th anniversary, we got into a partnership with Galeria Estação, a promoter of exponents of Brazilian art, in order to subsidize the presentation to the public of the works of a talented Brazilian artist. For us, supporting the work of a young artist and Brazilian folk art is the best way to celebrate this moment in our history.

Santidio Pereira was born in Curral Comprido, a town in Piauí, on October 23, 1996. He moved to São Paulo, still small, retaining the memories of his early childhood. Around the age of 8, he began attending the Instituto Acaia, a non-profit social organization that welcomes and offers socio-educational activities to children, adolescents and their families. Through Ateliê Acaia, Santidio has been performing artistic activities, especially in the drawing and woodcutting workshops, under the guidance of the woodcutter Fabrício Lopez.

We thank Galeria Estação for the opportunity, we wish a promising career to Santidio Pereira and we hope that our clients can enjoy this artistic manifestation of excellent quality.

Gusmão & Labrunie

a look of memory

luisa duarte

The story is about a bird, and it happens in a time before the world existed.

Birds flew in circles in the sky. Circles. Circles. And they did not stop flying because there was no land, only the sky, and they did not stop flying. Until one of the birds' father died. And that became a big problem – what should be done with the body? Thus, before the world existed, there was no earth, only the sky. And the birds thought about what they would do while they were flying. In circles. And they flew for days until the bird finally had an idea. He decided to bury his father in the back of his head. This was the beginning of memory.

Laurie Anderson

In a conversation with Santidio Pereira, during the process of realizing the present exhibition, I heard the artist affirm that he noticed a clear difference between seeing and looking. To see, I translate here with my words, would be related to a hurried look, characteristic of a contemporary rhythm marked by distracted attention, while looking would be what his engravings demand, that is, a look capable of lingering in the same object, patiently. Following Santidio, it would be possible to find something new in each of his works even after years and years of coexistence. Therefore, they would be bound to the regime of looking rather than seeing.

It is interesting to note how we are dealing with a two-way equation. On the one hand, the artist's sensitivity to a way of perceiving the world that witnesses a clear depauperization: our perceptive apparatus is atrophied in the face of a time when the quantity of stimuli grows exponentially. On the other hand, what Santidio signals is that, in some way, an antidote to this empire of seeing would be placed in his work. His woodcuts demand of each one of us a gesture of silence, an enduring patience of the gaze.

The set of works collected in *The look of memory* presents, for the most part, images of the birds of Piauí's *caatinga*, a region where the artist lived until he was 8 years old. They are large-scale prints, in which overlays of colors and shapes give us to see caburés, garrinchas, lambus, juritis – different species of birds that populate his native land. In the midst of this fauna, other engravings, of less figurative character, allude, subtly, to plants of the local landscape.

In this set the birds are, at the same time, protagonists and co-adjuvants. They appear imposing, dominating the scene, but for a second look, they are receptacles of a world camouflaged in their lines. Traces of countless other beings of the fauna and the flora reveal, little by little, in each engraving. It takes time for this universe, implicated there, to unfold.

Santidio knows that the choice for large-scale works cooperates so that we devote a glimpse of overflight, which he thinks has captured the whole scene in a quick view. The succession of layers present in each engraving, the different tones, the innumerable figures that only insinuate themselves, giving us to see the work always and every time in a new perspective – it is precisely this complex internal architecture that demands of us a prolonged attention and, thus, a predominance of looking over seeing.

The interweaving between a patient gaze and the fine cultivation of memory seems to be crucial for understanding the potency in the production of this young artist. Santidio introduces a kind of apprehension of the world that is rare in our time. We know that the difference between looking and seeing, of which the artist speaks to us, is not recent, but rather has been put into the studies of perception for a long time. To move back only a little more than a century, at the turn of the nineteenth to the twentieth, the change in the physiognomy of city life, marked by numerous visual stimuli, formed, then, a perceptive apparatus able to protect itself from visual shocks. This permanent state of alert, which we take with us to this day each time we have taken the streets of a

metropolis, has left us with several side effects, including a deficit in our ability to preserve memories. That is, while our eyes are atrophied, our memory also fades.

This is a dynamic that seems to increase without any prospect of reversal. Quite the opposite. To some extent we are visual illiterates, bearers of distracted attention, in a world in which the images have gained unprecedented strength. The diagnosis of the Czech theoretician, Vilém Flusser, of whom we are “deaf to the eye” is not far from the conclusion of the German sociologist Georg Simmel, at the beginning of the last century, for whom the “metropolitan type of man develops an organ that protects him from the chains and threatening discrepancies in their external setting.”¹ Little by little we have come to develop a kind of perception that we may call “restrictive.”

Now, the dawn of the new millennium witnesses an even more advanced picture in this shattering of the sense of vision. This age that acts against the eye, despite giving itself, above all, to the eye, is ours. An age that makes the incessant praise of the acceleration, of the vigil, and is the enemy of the idleness, of the contemplation, of the sleep, of the dream, of the imagination, and is thus disenchanted. A world without past, therefore without memory.

It does not seem difficult for me to understand how Santidio’s work walks in the opposite direction of this diagnosis. His works demand a dilated look and are carried out having as engine precisely the mnemonic registers, so rarefied in the present. The engraving itself, a millennial method of reproduction, brings with it this other time, very far from the one that prevails, typical of the digital images reverberated by the millions in each cell phone. And there is still here the imagination. The artist does not make a faithful document of what he remembers, obviously. We are faced with very singular transfigurations of a lived landscape.

Santidio’s gray birds, for example, are rather the result of an intention of the artist to erase the referent than a faithful copy of some

species existing in Isaias Coelho, in Piauí. The colors take us still, to different affective shades. In one of the engravings we see a red cowled cardinal mixed in the gray and burgundy colors, on a piece of trunk. The bird seems to squirm, looking down. The head is taken by the black, color leaving only a suspicious eye that sidelines us. In another, an orange bird, haughty, perched on what appears to be a chair, looks at us frontally and assertively. These gradations, which pass from the coldest to the warmest, from the crepuscular to the solar, from the arrogant to the proud, are all nuances that form the invisible texture of this poetics.

These inner movements of Santidio’s work evoke what was already wisely pointed out by Rodrigo Naves: “In general, the artist’s work stands out in the search for ways in which joy often changes position with drier images, in which c luminous colors are blurred by blacks. And I hope that this dualism will be able to establish itself and strengthen itself in his engravings, since it is precisely this hybrid experience – made of moments of lightness and desolation – that gives the tone of contemporary existence.”²

After two years of the writing the words above, it is possible to answer that yes, this dualism remains a fundamental part of his work. But if in this aspect the artist’s production and contemporary experience rhyme, as regards the temporality of his works, there is a dissonance, and here also lies a fundamental power. Contrary to a present marked by acceleration, numbness of the eyes and the fading of memory, the engravings of Santidio Pereira affirm the chance, at least in the sphere of art, of a slower time, in which a patient look is installed before works irrigated by the flow of memory.

1 Georg Simmel, “The metropolis and the mental life,” in *The urban phenomenon*, Guanabara, 1987, pp. 12-13.

2 Rodrigo Naves, “Colors in black and white”, catalog of the exhibition *Santidio Pereira*, Galeria Estação, 2016.

santidio pereira

um olhar da memória 2018

Galeria Estação

Diretores

Vilma Eid

Roberto Eid Philipp

Curadoria

Luisa Duarte

Textos

Luisa Duarte

Vilma Eid

Produção e desenho gráfico

Germana Monte-Mór

Secretaria de produção

Giselli Mendonça Gumiero**Gabriela Simionato**

otos

João Liberato

Revisão de texto

Otacílio Nunes

Versão para o inglês

Fernanda Mazzuco

Montagem

MIA - Montagem de instalações artísticas

Iluminação e apoio de produção

Marcos Vinícius dos Santos**Kleber José Azevedo**Assessoria de imprensa **Pool de Comunicação**Impressão e acabamento **Lis Gráfica****Agradecimentos**

Gusmão & Labrunie

Páginas | pages 4, 14, 17, 19

Sem título | Untitled, 2017

Xilogravura | Woodcut ed PA

185 x 165 cm | 72.83 x 64.96 in

Páginas | pages 6, 11, 13, 15, 16, 18

Capa | cover

Sem título | Untitled, 2018

Xilogravura | Woodcut ed PA

185 x 165 cm | 72.83 x 64.96 in

2ª, 3ª e 4ª capas | 2ª, 3ª e 4ª covers

Sem título | Untitled, 2018

Xilogravura | Woodcut ed PA

120 x 90 cm | 47.24 x 35.43 in

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)Santidio Pereira : um olhar da memória = Santidio
Pereira : a look of memory / curadoria Luisa
Duarte ; [textos Luisa Duarte, Vilma Eid ; versão
para o inglês Fernanda Mazzuco]. -- São Paulo :
Galeria Estação, 2018."Abertura 23 de agosto 19 horas, exposição 24 de agosto
a 22 de setembro"
Edição bilíngue: português/inglês.1. Arte - Brasil 2. Arte - Exposições - Catálogos
3. Artistas plásticos - Brasil 4. Gravura 5. Pereira,
Santidio, 1996- 6. Xilogravura I. Duarte, Luisa.
II. Eid, Vilma. III. Título: Santidio Pereira : um
olhar da memória

18-19188

CDD-769.981

Índices para catálogo sistemático:
1. Xilogravuras : Artes plásticas : Exposições :
Catálogos 769.981

Patrocínio

GUSMÃO & LABRUNIE
PROPRIEDADE INTELECTUAL - INTELLECTUAL PROPERTYGALERIA  ESTAÇÃO
rua Ferreira de Araújo 625 Pinheiros SP 05428001
fone 11 3813 7253 galeriaestacao.com.br





GALERIA ESTAÇÃO